

Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação

BRINCA CURITIBA



CAPA:

CMEI Tia Eva – NRE CIC

CMEI Jardim Esmeralda – NRE BQ

Prefeitura Municipal de Curitiba

Gustavo Fruet

Secretaria Municipal da Educação

Roberlayne de Oliveira Borges Roballo

Superintendência Executiva

Antonio Ulisses Carvalho

Coordenadoria de Obras e Projetos do Programa de Descentralização

Luiz Marcelo Mochenski

Departamento de Logística

Maria Cristina Brandalize

Departamento de Planejamento e Informações

Leandro Antonio Jiomeke

Superintendência de Gestão Educacional

Ida Regina Moro Milléo de Mendonça

Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais

Susan Ferst

Coordenadoria de Educação Integrada

Eliane Aparecida Trojan Butenas

Coordenadoria Técnica - Estrutura e Funcionamento de Ensino

Eliana Cristina Mansano

Coordenadoria de Formação Continuada

Cíntia Caldonazo Wendler

Coordenadoria de Políticas Educacionais para Jovens e Adultos

Maria do Socorro Ferreira de Moraes

Departamento de Educação Infantil

Maria da Glória Galeb

Departamento de Ensino Fundamental

Leticia Mara de Meira


Departamento de Tecnologia e Difusão Educacional

Marlon Misael Terres

SUMÁRIO

Brinca Curitiba, rememorando nossa história.....	6
Crianças e adultos brincantes - construção de brinquedos.....	10
Lembranças brincantes.....	22
Tesouros do brincar.....	28
Cenários do brincar.....	36
Sentidos do brincar.....	46
Referências.....	50

BRINCA CURITIBA, REMEMORANDO NOSSA HISTÓRIA...



Meu pai fazia amarelinha na terra com a enxada, e todo dia eu molhava para ficar mais forte a marca.

Relato de profissional da RME de Curitiba
NRE BN

1 A Secretaria Municipal da Educação (SME) de Curitiba descentraliza algumas de suas ações nos 10 Núcleos Regionais da Educação (NREs), localizados nas Ruas da Cidadania, que são sedes de administrações regionais e oferecem à população serviços públicos, como saúde, abastecimento, transporte, justiça, policiamento, esporte, habitação, meio ambiente, urbanismo, serviço social e educação. Somente o NRE Matriz não está em uma Rua da Cidadania devido a sua localização geográfica. Em 2015, quando iniciou o Projeto Brinca Curitiba, a cidade possuía 9 NREs, sendo Bairro Novo (BN), Boa Vista (BV), Boqueirão (BQ), Cajuru (CJ), Cidade Industrial de Curitiba (CIC), Matriz (MZ), Pinheirinho (PN), Portão (PR) e Santa Felicidade (SF). No ano de 2016, foi criado o NRE Tatuquara (TQ), reorganizando a cidade em 10 núcleos regionais. Assim, sempre que uma instituição educativa da Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba é mencionada, cita-se o NRE ao qual pertence, com a intenção de sua localização.

As marcas do brincar, na cidade de Curitiba, têm se intensificado nos últimos anos, em especial por meio de um convite que a cidade recebeu a partir do ano de 2015. Mas qual foi o convite?

No início do mês de fevereiro de 2015, a equipe diretiva do Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba estava reunida e tinha um grande desafio: propor, em março daquele ano, um trabalho com as crianças de suas instituições educativas², o qual revelasse a relação que elas e suas famílias tinham com a cidade, visto que seria o aniversário de 322 anos de Curitiba. A equipe refletiu e optou pela construção de proposições sobre o brincar das crianças curitibanas. E por que este tema?

- para garantir o direito das crianças ao brincar;
- para valorizar o brincar como prática essencial na Educação Infantil;
- para resgatar a memória brincante curitibana, de modo a valorizar sua história e socializá-la;
- para compartilhar ações significativas que promovam um maior repertório para o brincar das crianças de Curitiba.

Em síntese, é por meio do brincar que a criança se apropria de saberes e conhecimentos sobre a cultura que está inserida. A criança não somente reproduz esse conhecimento de mundo, mas também o interpreta, trazendo para o brincar suas próprias criações e produzindo cultura. O brincar, portanto, é uma das

grandes possibilidades de valorizarmos o protagonismo infantil e participarmos da cultura da criança, que é expressada por meio de diferentes linguagens.

Assim, num contexto de ideias e saberes sobre o brincar, propôs-se um concurso para as crianças de instituições educativas de Curitiba sobre a construção de brinquedos. Para participar do concurso, a criança deveria construir um brinquedo, com a mediação do(a) professor(a), e o tema era a cidade de Curitiba. Um brinquedo que as crianças gostassem de brincar ou que remetesse aos locais da cidade em que brincavam. Entretanto, no processo de escrita do regulamento do concurso, a proposta tomou uma proporção maior do que havia sido planejado de início e surgiu a intenção de mobilizar a cidade para olhar o brincar como uma importante e valorosa ação da criança. Para isso, nasceu o **Projeto Brinca Curitiba**, criando-se uma comissão responsável pelo delineamento e acompanhamento das ações.

No **Brinca Curitiba**, além da construção de brinquedos, foram planejadas ações que possibilitariam visibilidade e reflexões sobre o brincar, sendo mapear como as crianças de Curitiba e suas famílias brincam, revelando as suas brincadeiras e os espaços de brincar, com quem e em que momentos brincam. Além disso, conhecer como famílias e profissionais brincavam no passado; mostrar o brincar das crianças nas instituições educativas da RME de Curitiba e, por fim, criar um referencial sobre as brincadeiras de crianças da Educação Infantil de Curitiba.

2 A cidade de Curitiba oferta atendimento às crianças da educação infantil em diferentes instituições, sendo: Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), escolas municipais e Centros de Educação Infantil contratados (CEIs contratados). No ano de 2016, a cidade possuía para o atendimento das crianças de três meses a cinco anos 205 CMEIs e 75 CEIs contratados e, para as crianças de 4 e 5 anos, 134 escolas municipais com turmas de pré.

Para cada ação do **Brinca Curitiba**, criou-se um nome, o qual dava sentido e direcionava a sua concretização. As ações foram:

Crianças e adultos brincantes - construção de brinquedos: muita imaginação e criatividade se materializaram na criação de brinquedos pelas crianças, famílias e profissionais das instituições educativas de Curitiba. No CMEI Tiradentes – NRE BQ, por exemplo, as crianças junto às professoras criaram o Super Verdinho, um super-herói que iria ajudar a acabar com todos os problemas da cidade de Curitiba. Na ocasião em que as crianças se encontraram com o prefeito da cidade, ele o levou para o seu gabinete, a fim de que o Super Verdinho o ajudasse no seu trabalho diário.

Lembranças brincantes: foi um mapeamento das brincadeiras preferidas na infância de profissionais e familiares das crianças de instituições da RME de Curitiba, bem como com quem e onde preferiam brincar. Quantas lembranças! No quintal, na rua... Com amigos, irmãos, vizinhos... Elástico, corda, betes, amarelinha, carrinho (até de lata de óleo), boneca (de espiga de milho)! As lembranças nos trazem nostalgias e nos sensibilizam para o direito das crianças às interações e à brincadeira.

Que infância queremos para nossas crianças?

Tesouros do brincar: realizou um levantamento e coleta de fotografias, vídeos e relatos que retratam o brincar em tempos passados, seja em instituições educativas ou em outros espaços da

cidade. Profissionais de instituições da RME de Curitiba, bem como a comunidade compartilharam e contaram sobre a poética de suas infâncias! O brinquedo de madeira feito à mão, as bonecas antigas, as brincadeiras ao ar livre...

Cenários do brincar: nos mostrou as brincadeiras de hoje. De que brincam nossas crianças nas instituições de Educação Infantil? Como e com quem brincam? Nessa ação, foi possível observar as diferentes interações que a criança da Educação Infantil de Curitiba vivencia no seu brincar.

Sentidos do brincar: buscou revelar sentidos e significados presentes nas experiências das crianças e de seus familiares, bem como dos(as) profissionais do Departamento de Educação Infantil que foram responsáveis pela organização

do **Brinca Curitiba**, na construção do brincar ao participarem do projeto. Isso só foi possível por meio das lembranças percorridas; do conhecimento compartilhado; da sensibilidade ao olhar relatos, diálogos, narrativas e fotografias; na descoberta de tesouros que contam histórias e guardam tradições; na identificação de cenários onde a brincadeira acontece e, por fim, nas reflexões sobre o brincar na educação de crianças curitibanas.

Para iniciar a aventura de conhecer essas ações, se faz novamente um convite à leitura do documento que sistematizou e divulgou o **Brinca Curitiba**: um projeto sobre o brincar em nossa cidade!



CRIANÇAS E ADULTOS BRINCANTES – CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS

As brincadeiras sempre fizeram parte da minha infância e eu tive muitos momentos marcantes. Brincando de boneca, lembro-me muito bem de um dia no qual minha mãe sob meus olhares costurou um boneco usando meias. Ele tinha apenas cabeça, tronco e pernas, mas como brinquei com ele! Minha mãe costurou quando minha irmã entrou na escola e eu ficava em casa com ela. Por muito tempo brinquei com diversos objetos e coisinhas (...) a vida seguiu, não sei quando os guardei pela última vez, mas tive uma grande alegria depois de vários anos quando encontrei a caixa onde eles estavam guardados, o encontro com cada um deles foi tão emocionante, a lembrança de tocar nos mesmos brinquedos de tantos anos atrás, os quais havia guardado de forma inocente e carinhosa voltavam a minha vida de adulta. É muito bom relembrar as emoções da infância.

Marilena Bal – Profissional da E. M.
Santa Ana Mestra – NRE TQ

Quem não se lembra de sua infância com saudades? Quem não se lembra com carinho de seus brinquedos favoritos, como elementos especiais de histórias da infância?

Quando criança, gostamos de inventar coisas.

Para as crianças de diferentes idades e culturas, pedaços de papel, fios, latas, tecidos, caixas e uma infinidade de materiais são transformados em personagens, cenários, engenhocas e enredos para suas brincadeiras. E para intensificar essas reflexões, o **Brinca Curitiba** lançou a ação **Crianças e adultos brincantes – construção de brinquedos**, em março de 2015, na ocasião do aniversário da nossa cidade.

No intuito de colocar crianças e adultos juntos no brincar, propôs-se aos(as) profissionais que atuavam com os prés (crianças de 4 a 5 anos), das instituições da RME de Curitiba, que investigassem os saberes das crianças sobre a comunidade e a cidade de Curitiba. Para isso, a proposta foi que instigassem as crianças sobre o que conheciam a respeito do entorno da sua instituição e as convidassem a olharem para lugares de Curitiba, com o objetivo de que esses saberes se transformassem em momentos de brincar.

Quem vive em Curitiba, ou já ouviu falar dela, sabe da sua fama de capital do céu nublado ou a capital mais fria do Brasil, dos parques desenhados entre os prédios, do transporte público tão peculiar. Assim, os(as) profissionais envolvidos(as) no Projeto **Brinca Curitiba** se perguntaram: o que as crianças sabem de nossa cidade? O que lhes chama atenção? O que elas têm desejo de conhecer? Será que é o mesmo

olhar que nós adultos temos de Curitiba?

O brincar revela muito da cultura na qual as crianças estão inseridas. As relações que estabelecem entre si e demais pessoas, com os objetos, com a natureza e com os lugares onde vivem configuram-se em elementos de sua própria história.

Assim, o brincar se constitui numa experiência de cultura, em que a criança reelabora conhecimentos e se reconhece como pertencente a um grupo social: não se trata apenas da representação da realidade em que a criança está inserida, mas o brincar, enquanto atividade humana, se caracteriza também pela inventividade e criatividade. (BORBA, 2006).

Nesse contexto, o brinquedo pode apoiar o brincar, sendo um suporte da brincadeira. (BROUGÈRE, 2006). O **brinquedo** desvenda universos imaginários das infâncias e nos mostram imagens de um contexto histórico e social.

Num momento histórico configurado pela produção em série de objetos e artefatos infantis, vemos os brinquedos sendo produzidos para serem utilizados pelas crianças. Por isso, uma proposta de construir brinquedos a partir do conhecimento das crianças pode se transformar numa experiência diferenciada e cheia de significados. E a ação **Crianças e adultos brincantes – construção de brinquedos** teve essa intenção.

Vamos conhecer alguns brinquedos construídos por meio dessa ação?



O Super Verdinho

CMEI Tiradentes - NRE BQ

E agora, quem poderá nos defender? Homem aranha? Super-homem? Mulher maravilha? Que nada! Para as crianças do pré do CMEI Tiradentes – NRE BQ, se algo terrível acontecer a Curitiba, o único capaz de defendê-las será o Super Verdinho, herói que surgiu após muitos diálogos entre crianças e adultos. Todos unidos numa investigação criadora.

Para conhecer os saberes das crianças sobre Curitiba, as professoras com sensibilidade e ludicidade indagaram aos pequenos o que conheciam sobre Curitiba. Nas conversas sobre lugares da nossa cidade, as professoras lançaram uma pergunta que acabou sendo a chave para o mundo encantado de um personagem muito querido:

Vocês sabiam que Curitiba fará aniversário?

Professora: Será no dia 29 de março.

Victor: No aniversário tem bolo.

Ícaro: Tem bolo de chocolate e tem presente.

Ana Clara: Eu ganhei presente no meu aniversário.

Professora: Ah, quer dizer que todo aniversário tem que ter presente?

Maria Eduarda: Sim, pra ficar feliz!

Professora: Tive uma ideia!! Que tal fazermos um brinquedo para presentear Curitiba? O que vocês acham?

Nesse diálogo, é possível conhecer as vivências das crianças sobre o tema aniversário de Curitiba. A professora atenta intensifica o interesse das crianças aliando a comemoração do aniversário da cidade com uma pergunta que desencadeia o início de uma aventura: que tal fazermos um brinquedo para presentear Curitiba?

Letycia: Presente é legal.

Danielly: Às vezes pode ser roupa.

Victor: Não, brinquedo é mais legal.

Ícaro: Eu já sei profe, que tal um herói?

Professora: Um herói... Nossa! Isso parece ser legal. O que vocês acham crianças?

O super-herói é um personagem que possui características que deixam as crianças fascinadas e criar um super-herói pode ser uma tarefa muito interessante que constrói sentidos.

Nicolas: E ele pode voar no céu de Curitiba.

Ana Clara: Mas a capa tem que ser bem grande.

Voará no céu de Curitiba, mas voará no céu estrelado da imaginação das crianças. Se a proposta inicial das professoras era a investigação do que as crianças conheciam sobre nossa cidade, elas conseguiram não só contar sobre Curitiba como também aliar ao universo imaginário, ressignificando a realidade. Contudo, a ampliação da proposta só existiu porque as professoras acolheram o entusiasmo das crianças. Temos nessa prática o indício de um protagonismo compartilhado (JUNQUEIRA, 2013), em que os interesses das crianças são enriquecidos pelas observações atentas das professoras sobre falas e ações infantis.

Dando continuidade à construção do super-herói, as professoras convidaram as famílias para participarem de uma pesquisa sobre esse personagem e assim se envolverem com a magia criada pelo grupo. Famílias, professoras e crianças foram partícipes do processo pedagógico e coautores de conhecimentos.

Após a pesquisa realizada pelas crianças e seus familiares, as professoras retomaram as discussões sobre quem seria esse ser encantado: o super-herói.

Professora: O que é um herói para vocês?

Maria Eduarda: Ele é uma pessoa que tem segredos.

Ícaro: Ah! E ele tem capa e fica voando.

Maria Eduarda: Lembrei também que ele tem muita força. Tem que ser forte para salvar as pessoas.

Ana Clara: O herói também salva a cidade.

Nicolas: O herói resgata as pessoas do perigo.

Maria Eduarda: Ah! E sabia que ele tem umas montanhas na barriga que faz umas coisinhas?! É, e tem pernas grossas.

Nicolas: Ele é inteligente para pensar rápido.

Danielly: Ele tem uma casa e um esconderijo.

Letycia: Um herói não tem medo de nada, ele tem muita coragem.

Pernas grossas, montanhas na barriga, casa e esconderijo... Como as crianças já nas falas anunciavam as possíveis características do seu super-herói, as professoras propuseram que desenhassem como seria o presente para a cidade de Curitiba.

Assim, nos traços das crianças, o personagem foi nascendo e mostrando as criações dos pequenos. As crianças tiveram a oportunidade de desenharem aquilo que imaginavam, partindo das discussões com seu grupo. A ação de desenhar apareceu

como brincadeira e ganhou destaque pelo contexto do personagem sugerido pelo grupo.

Nos desenhos, vemos características do conceito de desenho de imaginação (CURITIBA, 2011), o qual se caracteriza como a prática em que a fantasia, o faz de conta e a ludicidade aparecem como permitidas, pois as referências estão na imaginação da criança.

Desenhos riquíssimos e repletos de poesia! Os quais podemos visualizar:



Desenhos:

Letycia Trindade Gomes
Maria Eduarda Gomes Fogaça
Ana Clara Machado Ortiz
Lorena Maria do Nascimento

Ana Clara: Tem que ser verde ele.

Professora: Ah é?! E por quê?

Ana Clara: Porque Curitiba tem árvores e flores.

Letycia: Minha mãe contou que tem pinhão. Eu gosto. É uma delícia.

Eduardo: Profe, ele tem que ter uma capa bem grande para voar.

Lorena: Herói tem máscara no olho pra ser secreto.

Nicolas: Ele pode ter roupa de jogador.

Ícaro: É mesmo! Com blusa e short.

Ana Clara: E ele tem que ter cabelo bem verdinho.

Os desenhos parecem ter saído de um mundo especial. E o personagem foi tomando proporção ao ponto de os desenhos terem algumas características comuns, como a máscara e a capa.

As professoras propuseram a escolha pelas crianças de um único desenho que seria o representante entre todos os que surgiram, visto que ele seria o esboço para a construção de um boneco. Como a prática de eleição naquele grupo de criança já era típica, sem dificuldades as crianças votaram no desenho do(a) seu (sua) colega.

O desenho da Letycia foi escolhido pelas

crianças por ele ter a cor verde, como os parques de Curitiba. Essa parecia ser uma cor que simbolizava um dos saberes do grupo sobre a cidade.

Então, foi a vez de explorarem diversos objetos para tornar o personagem bidimensional em tridimensional³. Portanto, o personagem sairia do papel para ganhar forma e conteúdo e ser transformado em um boneco.

Numa ação conjunta, crianças e adultos passaram para o momento de concretizar ideias. Com as famílias, chegou-se à conclusão que o papel machê seria um bom material para a tridimensionalidade do personagem.

É importante salientar que as professoras, na entrada ou saída das crianças no CMEI, bem como em bilhetes nas agendas das crianças, solicitavam a ajuda dos familiares, estreitando o contato e comunicando os acontecimentos. Foi dessa maneira que a pesquisa sobre os materiais para construir o boneco aconteceu.

Após testarem as possibilidades com o papel machê, as crianças deram formato com base no esboço eleito entre elas. Já quase em fase de finalização, enquanto contemplavam o resultado do brinquedo que estava surgindo, a professora fez ao grupo mais uma pergunta:

Professora: Crianças, e agora? O brinquedo está pronto?

Ana Clara: Ele está branquinho e bem gordão.

³ De acordo com o Caderno Pedagógico de Arte (CURITIBA, 2011), as produções bidimensionais têm altura e largura, como o caso do desenho e da pintura. Já as produções tridimensionais trazem, além da altura e largura, o volume. É o caso das esculturas.

Maria Eduarda: Tem que pintar ele.

Nicolas: Ele pode ser o Super Botânico porque tem o Jardim Botânico.

Maria Eduarda: O herói Curitiba vai ficar um brinquedo incrível.

Lorena: Ele pode ter uma super visão.

Letycia: Para ver as coisas de longe.

Lorena: E proteger Curitiba e as pessoas de todo o mal.

E claro que ele poderia ter uma super visão, ter super poderes, poderia voar, poderia defender as pessoas do mal! Ele tem todas essas características porque as crianças tornaram esses traços reais.

Num trabalho de construção coletiva, em que as crianças tiveram voz, as professoras observaram efetivamente as falas e ações infantis e tornaram possíveis que as ideias chegassem ao plano de concretizá-las. No relato da construção do **Super Verdinho**, fica evidente o papel das professoras como investigadoras em ação juntamente com as crianças. Não há supremacia de conhecimentos, as professoras ouvem e acolhem os saberes das crianças, instigando e ampliando o repertório sobre o brincar.

O SUPER VERDINHO SURTIU DO FASCÍNIO DAS CRIANÇAS PELO UNIVERSO DOS SUPER-HERÓIS, LEMBRANDO O QUÃO VERDE É NOSSA CIDADE, PELOS INÚMEROS PARQUES QUE NELA TEM. FIZEMOS ESBOÇOS TAMBÉM DO SÍMBOLO DA CAPA DO NOSSO HERÓI, TUDO COM MUITA CONVERSA, IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE, EXPLORANDO A CAPACIDADE INVENTIVA DE NOSSAS CRIANÇAS.

Professora Alessandra Ortiz
CMEI Tiradentes – NRE BQ

O processo de construção de outros brinquedos realizado pelas crianças de Curitiba também chamou a nossa atenção. A experiência a seguir trata-se da construção de um brinquedo que é fruto da relação entre gerações.

O carrinho de rolimã

CEI A Mão Cooperadora Uberaba - NRE CJ

O CEI A Mão Cooperadora Uberaba – NRE CJ está localizado em um bairro de Curitiba com ruas de subidas e descidas. Tal fato não passou despercebido nas brincadeiras dos moradores da região, que quando crianças aproveitavam a geografia da cidade para se aventurarem. E, ainda em tempo atual, as famílias das crianças que frequentam o CEI aproveitam para brincar com suas crianças nessas ruas sinuosas do bairro com o bom e velho **carrinho de rolimã**.

Sabendo disso, a professora da turma do pré pensou na possibilidade de propor às crianças a construção de um brinquedo que trouxesse essa experiência para a instituição. Para instigar o grupo de crianças, a professora pesquisou sobre o carrinho de rolimã e buscou imagens de crianças e adultos brincando com esse brinquedo.

Numa conversa com as crianças, a professora contou que brincava muito com o carrinho de rolimã na sua infância, e as crianças foram contando seus saberes sobre o brinquedo, afirmando a presença do brinquedo nas brincadeiras da comunidade.

Carrinho de rolimã

Sem data nem local certo de origem, o carrinho de rolimã é considerado como um dos brinquedos mais radicais das crianças. De acordo com o *site* do Autódromo de Curitiba (<http://www.autodromodecuritiba.com.br/>), as décadas de 60 e 70 são cotadas como possíveis para o surgimento dos primeiros exemplares, visto que as primeiras ruas asfaltadas surgiram nesse período nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Outro fator que contribuiu para a hipótese dessas cidades serem consideradas as pioneiras do uso do carrinho de rolimã foi pelo fato de o rolamento do brinquedo ser proveniente de oficinas de manutenção, comuns nesses estados.

No *site*, destaca-se que a graça do brinquedo não está somente no fato de desfrutar da velocidade, mas do próprio processo de construção do rolimã.

Sarmiento (2011) nos faz pensar sobre a instituição educativa como espaço em que o encontro entre culturas acontece. Tanto a relação das culturas produzidas entre crianças e crianças, como a cultura produzida na relação de adultos e crianças. Assim, nas instituições educativas, temos o encontro de diferentes gerações que interagem e fazem nascer novos conhecimentos.

Esse fato nos faz pensar o quanto alguns brinquedos e brincadeiras perpassam gerações e aparecem nas brincadeiras das crianças, porque nós adultos mantemos em nossas relações tais vivências brincantes.

Ao propor às crianças a confecção do carrinho de rolimã, elas se mostraram entusiasmadas e aceitaram o desafio, até porque já se tratava de um brinquedo que elas conheciam e se relacionavam.

Podemos afirmar que o entusiasmo não estava somente nas crianças, como também nos adultos daquele contexto

educativo, pois reviveram nas práticas das crianças a oportunidade de reativar suas memórias brincantes.

Isso reafirma que práticas “[...] inspiradas nas próprias crianças permitem que o adulto possa se sentir relativamente seguro em trazer para a experiência pedagógica os seus saberes e, neste momento, por meio da brincadeira a sua criança surja.” (LEITE, 2015, p. 37).

Com o carrinho de rolimã pronto, a hora da brincadeira chegou trazendo para a cena adultos e crianças em plena sintonia com o brincar.

O carrinho de rolimã do CEI A Mão Cooperadora conta a história de um brinquedo que colocou duas gerações em interação, ativou o adulto corporalmente na ação de brincar com as crianças e oportunizou a transmissão de saberes, conforme destacado nas fotografias desta página.

Se nesse relato temos um brinquedo que possibilita a relação entre gerações, os convidamos a conhecer um artefato do mundo adulto que aos olhos das crianças se tornou um brinquedo.



O TÁXI

E. M. CEI Professor Ulisses Falcão Vieira - NRE SF

Para investigar com as crianças sobre o que conheciam da nossa cidade, as professoras do pré levaram diferentes imagens de Curitiba: parques, monumentos, ônibus biarticulados, estações tubos do transporte público. Contudo, as crianças ficaram empolgadas ao se depararem com o colorido peculiar dos táxis de Curitiba, um alaranjado vivo com marcas pretas, e dialogaram entre si sobre o veículo.

Aproveitando essa curiosidade, as professoras organizaram uma visita muito especial para as crianças na escola. Num belo dia cinzento, tipicamente curitibano, eis que um táxi surge em frente à escola, e um motorista aparece para conversar com as crianças. A chegada do visitante deixou as crianças agitadas e animadas para realizarem perguntas:

Ana Julia: Você gosta de dirigir?

Ygor: Você ganha muito dinheiro?

Bianca: Onde você trabalha?

Guilherme: Você tem esposa e filhos?

Na conversa com as crianças, observou-se o taxista muito interessado pelas indagações infantis. Notou-se que o protagonismo compartilhado não se dá somente entre crianças com os seus professores, mas com os adultos envolvidos com o fazer pedagógico. A sutileza com as crianças, o acolhimento de suas perguntas e os comentários se fizeram presentes na interação com os adultos, que se mostraram sensíveis aos pequenos.

Após a conversa, as crianças foram até o carro para vê-lo e brincar nele. Mas seria possível brincar com um artefato do mundo adulto?

As professoras e o próprio motorista, atentos à curiosidade das crianças, deixaram que elas explorassem o táxi, fazendo daquele momento uma gostosa brincadeira.

E assim aconteceu...

As crianças entraram no automóvel, brincaram de motorista, de passageiros, analisaram as escritas e os números do táxi, não como meros espectadores, mas como participantes da construção de seus próprios conhecimentos.

A observação desse cenário apoiou-se nos estudos que abordam as crianças como produtoras de culturas, (SARMENTO, 2004) que ressignificam conhecimentos construídos pela sociedade da qual fazem parte, de acordo com suas próprias leituras de mundo e investigações.

Para Sarmento (2004), essa produção de cultura tem o brincar como experiência fundamental e acontece nas interações que as crianças estabelecem entre si e com os adultos que se relacionam. O modo diferenciado de perceber, se expressar, se comunicar, interpretar, constitui as culturas da infância, que são ações e saberes específicos das crianças.

Após a experiência das crianças de explorarem o automóvel e de conversarem com o motorista, as professoras propuseram o seguinte desafio:

Que tal construirmos um táxi para brincar?



Essa pareceu uma proposta irrecusável para as crianças. Se já conversaram com um taxista, se já brincaram no seu táxi, por que não construir um táxi para brincar?

Animadas, elas participaram da confecção do táxi, selecionando os materiais e cores que dariam uma identidade ao brinquedo.

Depois de tudo pronto, passaram ao momento de faz de conta! Com o táxi, as crianças percorreram os cantos da escola, davam carona aos(às) colegas e incrementavam enredos.

Assim, nas três situações relatadas (a criação do super-herói, o carrinho de

rolimã e o táxi), nota-se a importância da escuta do adulto para que os interesses das crianças se tornem experiências brincantes. “[...] uma escuta que prevê diálogo atento, cuidadoso e marcado pelo respeito – uma comunicação que não está só conectada com a palavra, mas também com os olhos, o corpo, as mãos.” (RINALDI, 2012, p. 17).

E, para finalizar, conclui-se que os brinquedos construídos na ação **Crianças e adultos brincantes – construção de brinquedos** chamou a atenção do **Brinca Curitiba** para os modos de brincar das crianças dos dias de hoje e motivou a realização da ação **Lembranças brincantes**.



LEMBRANÇAS BRINCANTES

A minha infância foi muito boa, brinquei bastante com minhas irmãs de brincadeiras aparentemente simples, mas que nos traziam grandes alegrias e até hoje lembro com muito carinho. Lembro de diversas delas, algumas citei neste questionário, mas lembrei que adorávamos brincar com caixas grandes de papelão. Eu e minhas irmãs deixavam todas elas abertas e depois íamos amarrando com elástico até formar as paredes da casa. Depois, colocávamos o telhado e usando tesoura criávamos janelas e uma portinha. Minha mãe dava pra gente paninhos que serviam de cortina e coberta pra caminha. A minha mãe deixava a gente levar o tapete da sala para colocar no chão da “casa” e algumas guloseimas, como bolacha, suco, chocolate. Brincávamos o dia todo se deixasse.

Relato de profissional da RME de Curitiba - NRE SF

Dando continuidade às ações do **Brinca Curitiba**, a ação **Lembranças brincantes** teve como objetivo resgatar a memória brincante curitibana, de modo a valorizar sua história e socializá-la.

Lembranças podem ser entendidas como recordações de experiências vividas no passado, as quais são guardadas na memória de cada sujeito. Assim, a memória é sempre memória de alguém sobre alguma coisa, é uma representação de experiências já acontecidas, uma reconstrução simbólica do passado (CORRÊA; SILVA, 2014).

As lembranças brincantes estão relacionadas, portanto, **às diferentes lembranças sobre o brincar nas diferentes infâncias**, sejam acontecimentos, lugares, relações estabelecidas com pessoas, brinquedos e/ou outros objetos, os quais estão guardados na memória dos sujeitos.

Com base nisso, nos meses de junho a setembro de 2015, foi realizada uma pesquisa que mobilizou diferentes profissionais que atuam na Educação Infantil da RME de Curitiba e famílias das crianças a ativarem suas lembranças brincantes.

Tal pesquisa contou com a organização de um questionário *on-line*, o qual foi encaminhado por *e-mail* às instituições para preenchimento. As questões foram referentes aos jogos, aos brinquedos e às brincadeiras favoritas da infância (amarelinha, bola, betes, pega-pega, entre outras), onde brincavam (rua, quintal, parquinho, praça, na casa de avós, dentro

de casa/apartamento, entre outros lugares) e com quem (sozinho, irmãos, pais, vizinhos, amigos, primos ou outras pessoas) e onde passou a infância.

Foram totalizadas 9.500 respostas, sendo 3.201 de profissionais e 6.299 de familiares. Os dados das respostas foram sistematizados e apresentados na página⁴ da Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, no link:

<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/lembrancas-brincantes/7017>

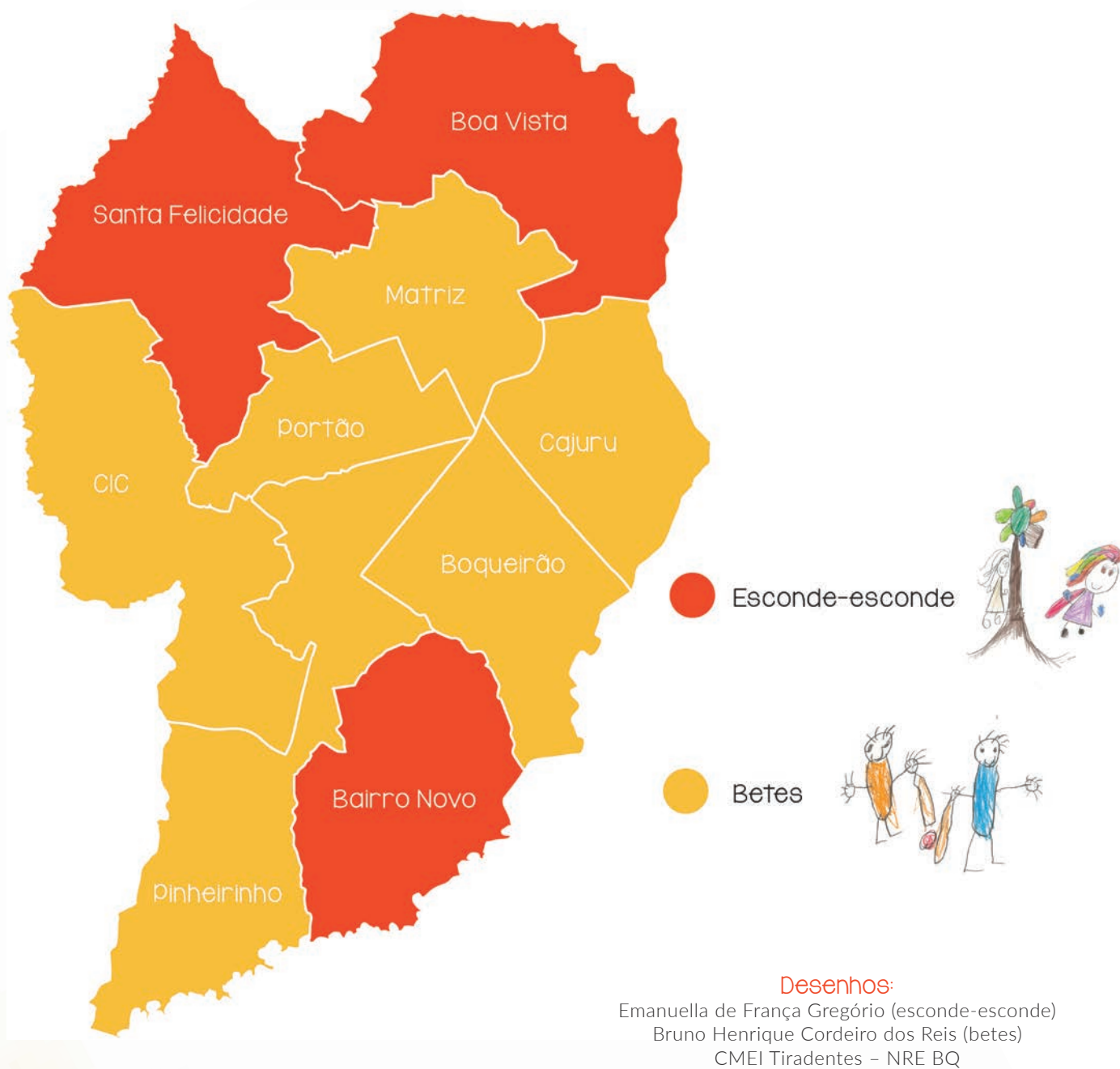
A partir da análise dos dados da pesquisa, foi possível identificar que a maior parte (60,9%) dos profissionais e das famílias passou suas infâncias na cidade de Curitiba.

DIFÍCIL ESCOLHER TRÊS BRINCADEIRAS QUANDO SE BRINCOU DE MUITAS OUTRAS. BRINCAVA NO QUINTAL DE CASA, NA RUA, NA CASA DE VIZINHOS. COM AMIGOS, VIZINHOS, PRIMOS. ERA UMA DELÍCIA. AMARELINHA, BICICLETA, BOLA (BRINCADEIRAS COM BOLA), BONECA, BAMBOLÊ, BRINCADEIRAS DE MÃOS, CORDA, ESCONDE—ESCONDE, ESTÁTUA, ELÁSTICO, PATINS, PÉ NA LATA, PEGA—PEGA E RODA FORAM ALGUMAS DAS BRINCADEIRAS QUE VIVENCIEI DURANTE A INFÂNCIA.

Relato de profissional da RME de Curitiba – NRE MZ

4 Para ter acesso a esses dados, você pode acessar o site: www.cidadedoconhecimento.org.br e clicar na seguinte sequência: Educação Infantil; Programas; Brinca Curitiba; Lembranças Brincantes.

Tendo como base as lembranças brincantes dos participantes, foi possível identificar as brincadeiras e/ou jogos favoritos de cada região⁵ da cidade, como podemos observar no mapa de Curitiba:



5 Como essa ação foi desenvolvida no ano de 2015, os dados apresentados são produzidos a partir de 9 NREs.

No mapa, observamos a brincadeira ou jogo mais indicado pelos participantes da pesquisa por região da Cidade. Na análise das três⁶ primeiras brincadeiras ou jogos favoritos de cada região, identificamos:

- NRE Bairro Novo: esconde-esconde (35,7%), betes (34%) e brincadeiras com boneca (29,3%).
- NRE Boqueirão: betes (34,9%), esconde-esconde (31,2%) e amarelinha (30,5%).
- NRE Boa Vista: esconde-esconde (31,6%), brincadeiras com boneca (31,1%) e betes (27,4%).
- NRE CIC: betes (35,2%), amarelinha (32,1%) e esconde-esconde (26,9%).
- NRE Cajuru: betes (33,5%), amarelinha (31,3%) e esconde-esconde (28,8%).
- NRE Matriz: betes (32,7%), as brincadeiras com elástico (32,1%) e brincar com bicicleta (28,4%).
- NRE Pinheirinho: betes (34,8%), esconde-esconde (33,3%) e amarelinha (31,2%).
- NRE Portão: betes (33,8%), amarelinha (31,2%) e esconde-esconde (30,1%).
- NRE Santa Felicidade: esconde-esconde (34,7%), brincadeiras com boneca (32,3%) e, em 3.º lugar empatados, betes (29%) e brincar com bicicleta (29%).

No geral, as brincadeiras e os jogos que marcaram as infâncias dos participantes da pesquisa em Curitiba foram: betes (33,5%), esconde-esconde (31,2%) e amarelinha (29,8%).

Eles podem ser classificados como **brincadeiras e jogos tradicionais**, pois perpassam os tempos, mantendo a sua estrutura básica, assimilando novos elementos de acordo com os grupos que os realizam e das adaptações convenientes em cada contexto (SPRÉA, 2010). Muitas dessas brincadeiras e jogos estão presentes nos dias atuais em nossa cidade, porém podem apresentar regras e estruturas diferenciadas, a partir de cada contexto.

O **betes**, também conhecido como bete-ombro ou jogo do taco, é um jogo no qual participam duas equipes: a rebatedora e a lançadora. O objetivo da equipe rebatedora é rebater a bola lançada, jogá-la o mais longe possível e fazer pontos cruzando os tacos no meio do campo, enquanto o da equipe lançadora é tentar derrubar um dos alvos (as casinhas) da equipe adversária. Quando isso ocorre, troca-se a posição entre as equipes. Quando uma das duplas conseguir um determinado número de pontos, cruzando os tacos no meio do campo, o jogo chega ao fim.

O **esconde-esconde** é um jogo no qual uma pessoa (o pegador) fica com os olhos fechados contando até certo número combinado (o mais comum é contar até 31) com o grupo de participantes, enquanto os demais se escondem. Quando terminar a contagem, o pegador procura quem está escondido. Quem está escondido deve correr para o local onde o pegador fez a

6 Os participantes poderiam marcar, na pesquisa, mais de uma opção de brincadeira/jogo favorito. Por esse motivo, a soma das porcentagens pode ultrapassar 100%.

contagem para se salvar por meio de um toque no local em que estava o pegador.

O jogo da **amarelinha**⁷ consiste em pular sobre um desenho riscado no chão, que também pode ter inúmeras formas. Inicia-se com um dos jogadores lançando uma pedrinha na primeira casa, em que não poderá pisar, e vai pulando com um pé ou dois até o fim do trajeto. Ao chegar no final do trajeto, deve retornar, apanhar a pedrinha e recomeçar, atirando a pedra na segunda casa e assim sucessivamente. O jogador que errar a casa ou perder o equilíbrio, passa a vez para o outro.

O betes, o esconde-esconde e a amarelinha podem ser denominados de **jogos**, pois seguem “[...] uma estrutura de regras mais definidas, uma sequência mais ou menos rígida de etapas, uma lógica que se repete.” (SPRÉA; GARANHANI, 2014, p. 722-3). Já as **brincadeiras** geralmente não são estruturadas por regras preestabelecidas, as regras são criadas a partir dos desejos, das necessidades e dos interesses dos participantes. E o que é o brinqueado? O **brinqueado** é o suporte para o brincar (BROUGÈRE, 2006), assim uma bola, um elástico, uma corda, um carrinho, uma bicicleta, uma boneca ou uma música podem ser suportes para a brincadeira ou para o jogo.

Além das brincadeiras e jogos tradicionais, as **brincadeiras de faz de conta** também estiveram muito presentes nas lembranças brincantes, como, por exemplo, as brincadeiras de casinha. Nesse tipo de brincadeira, as crianças conseguem incorporar elementos do mundo no

qual vivem, reelaboram as situações vividas, criando realidades imaginárias de acordo com seus desejos, necessidades e motivações. Enfim, reinterpretando o cotidiano cultural em que vivem por meio da reprodução de gestos, palavras, atitudes, comportamentos, etc. Assim, as ações das crianças nesse tipo de brincadeira possuem certas regras que são implícitas à própria situação imaginária e que são criadas a partir da cultura em que a criança está inserida. (JAPIASSU, 2007).

BRINCAVA DE "O BOTICÁRIO" COM OS VIDROS DE PERFUMES VAZIOS DA MINHA MÃE, MOÍÁ PLANTAS QUE TINHAM CHEIRO, COMO ARRUDA E COLOCAVA DENTRO. BRINCAVA DE "BATIZAR" AS BONECAS COMO O PADRE FAZIA. BRINCAVA DE "ZÉ GOTINHA" UTILIZANDO GOTAS DE LIMÃO. UTILIZAVA ESTANTES COMO APARTAMENTOS PARA BONECAS TIPO BARBIE. BRINCAVA COM TATUS— BOLINHAS (INSETOS), PEGAVA DE TODOS OS TAMANHOS PARA MONTAR AS "FAMÍLIAS" COMO SE FOSSEM BONECAS. BRINCAVA TAMBÉM DE "CAÇADOR" E DE ESCOLINHA, OS ALUNOS ERAM OS CARRINHOS DO MEU IRMÃO. NO FINAL DA INFÂNCIA, EU RECORTAVA AS PLANTAS DE IMÓVEIS QUE VINHAM NA GAZETA DO POVO DE DOMINGO E DESENHAVA AS FAMÍLIAS DE PAPEL PEQUENAS PARA CABER DENTRO. DEPOIS, PASSEI A DESENHAR AS PLANTAS DAS CASAS TAMBÉM.

Aline Campos de Oliveira
Profissional do CMEI Nice Braga – NRE PR

7 “Riscar o chão para sair pulando é uma brincadeira que vem dos tempos do Império Romano. A amarelinha original tinha mais de cem metros e era usada como exercício de treinamento militar. Os soldados corriam sobre a amarelinha para melhorar as habilidades com os pés. As crianças romanas, então, fizeram imitações reduzidas do campo utilizado pelos soldados. E acrescentaram numeração nos quadrados que deveriam ser pulados. [...] Macaca, avião, academia, cademia, sapata, amarelinha, tô-tá, xadrez, macacão, canção, boneca, casco e queimei são alguns dos nomes da brincadeira de amarelinha pelo país.” Disponível em: <<http://mapadobrinicar.folha.com.br/brincadeiras/amarelinha/>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

UMA DAS BRINCADEIRAS DA MINHA INFÂNCIA QUE NÃO PODERIA DEIXAR DE RELATAR, QUANDO NOS REUNIMOS EU, MEUS IRMÃOS E VIZINHOS: MORÁVAMOS EM UMA RUA SEM SAÍDA E AO FINAL DELA TINHA UM BOSQUE QUE ERA UMA LADEIRA E DOS PINHEIROS CAÍAM MUITAS FOLHAS SECAS QUE MAIS PARECIAM FIOS GROSSOS E COMPRIDOS. ESTES CRIAVAM UM CENÁRIO PERFEITO PARA A BRINCADEIRA, PEGÁVAMOS PEDAÇOS DE PAPELÃO E O BOSQUE SE TORNAVA UM GRANDE ESCORREGADOR. FOI NESTE BOSQUE QUE PASSAMOS A MAIOR PARTE DA MINHA INFÂNCIA, ONDE A CRIATIVIDADE E O FAZ DE CONTA ERAM NOSSA PRIORIDADE.

Maria Eliza Fernandes da Silva
Profissional do CMEI União das Vilas –
NRE SF

Com relação aos espaços onde as brincadeiras aconteceram, a rua (56,3%) e os quintais das casas (28,9%) foram os locais mais indicados pelos participantes na pesquisa. Os outros espaços totalizaram 14,8%: dentro de casa/apartamento, na casa de avós, parquinho/prça e outros espaços.

Na pesquisa realizada, foi possível observar também que 3,1% dos participantes informaram que brincavam sozinhos. Entretanto, 32,8% dos participantes indicaram os amigos e 30% indicaram os irmãos como os parceiros com quem brincavam na maioria das vezes. Outros parceiros também foram indicados: vizinhos (15,8%), primos (14,9%) e pais (0,8%), e 2,6% dos participantes não informaram ou indicaram outros parceiros.

Todos os dados da ação **Lembranças brincantes** nos levam a entender que as crianças, por meio do brincar, sozinhas ou com seus pares, amigos, vizinhos, ou outros parceiros, estabelecem as suas primeiras relações com e na cultura em que estão inseridas.

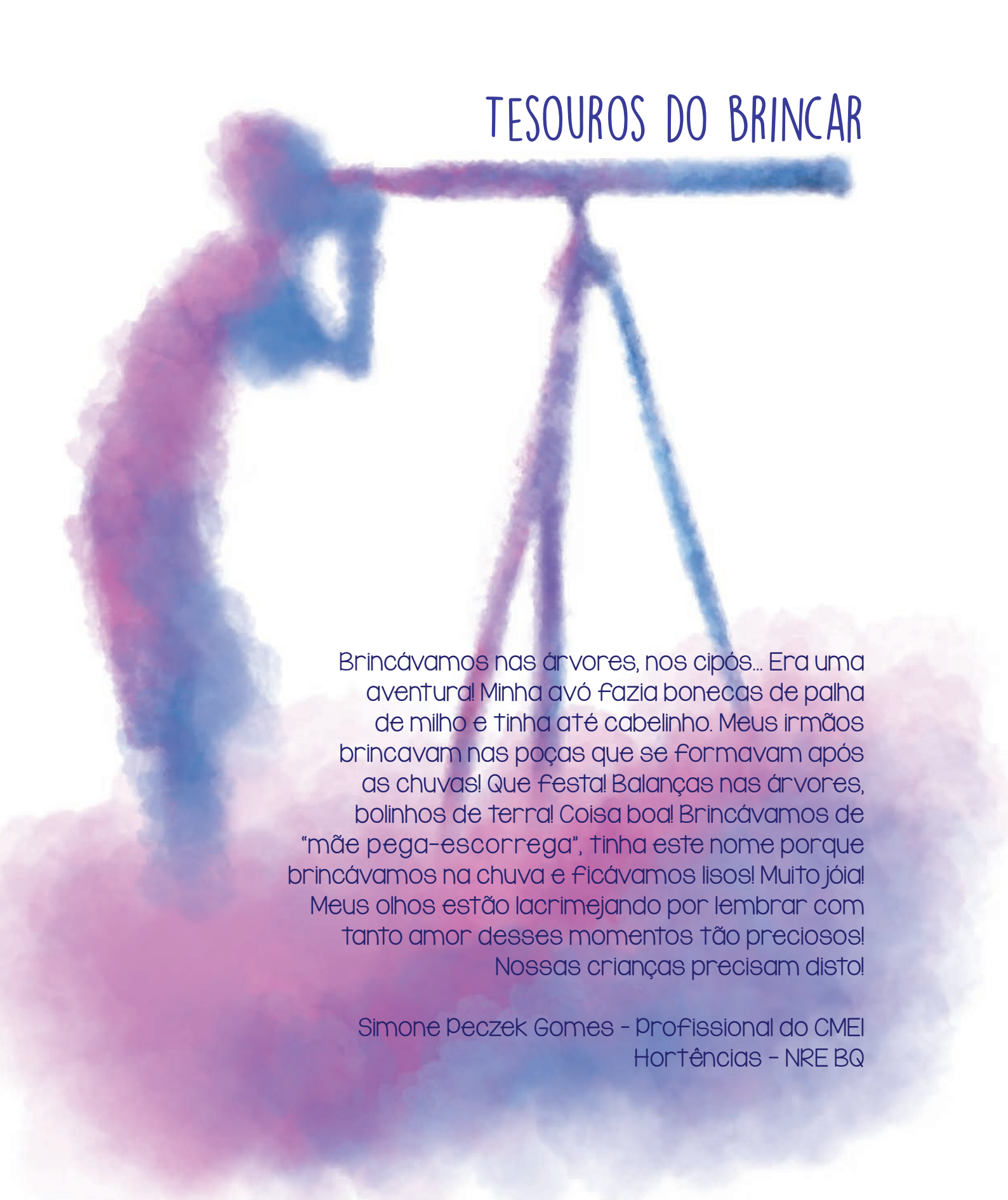
Ao rememorarem suas lembranças brincantes, profissionais e familiares realizaram uma reflexão sobre o passado e reconstruíram suas experiências, as quais contribuíram para dar visibilidade à memória brincante curitibana. **Mas que elementos caracterizam essa memória brincante?**

Pudemos observar o betes, o esconde-esconde, a amarelinha como jogos presentes em todas as regiões da nossa cidade. Além disso, identificamos os quintais das casas e as ruas como os principais espaços para os jogos e brincadeiras, bem como os amigos e os irmãos como parceiros privilegiados para o brincar.

Diante disso, podemos compreender que “a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança.” (BORBA, 2006, p. 33). Nesse sentido, refletimos: a transformação da sociedade curitibana ao longo dos anos modificou suas características? Essas brincadeiras continuam presentes nas infâncias de nossa cidade hoje? Os espaços para o brincar continuam os mesmos? Com quem brincam nossas crianças hoje?

Que essas questões sejam mobilizadoras das nossas reflexões sobre os espaços e tempos para o brincar na nossa cidade, em especial nas instituições educativas, e transformem seus elementos em tesouros a serem guardados nas lembranças.

TESOUROS DO BRINCAR



Brincávamos nas árvores, nos cipós... Era uma aventura! Minha avó fazia bonecas de palha de milho e tinha até cabelinho. Meus irmãos brincavam nas poças que se formavam após as chuvas! Que festa! Balanças nas árvores, bolinhos de terra! Coisa boa! Brincávamos de “mãe pega-escorrega”, tinha este nome porque brincávamos na chuva e ficávamos lisos! Muito jóia! Meus olhos estão lacrimejando por lembrar com tanto amor desses momentos tão preciosos! Nossas crianças precisam disto!

Simone Peczek Gomes - Profissional do CMEI
Hortências - NRE BQ

Ao considerar que “a memória não existe sozinha, mesmo quando toma forma de lembrança individual – se não for comunicada ou compartilhada de alguma forma, ela desaparece” (CORRÊA; SILVA, 2014, p. 24), a ação **Tesouros do brincar** mobilizou profissionais das unidades, bem como famílias das crianças, para compartilharem seus tesouros, suas riquezas, seus bens mais preciosos relacionados ao brincar.

Brincar é uma das atividades sociais mais significativas do humano, não sendo, portanto, exclusividade das crianças. Porém, ao contrário dos adultos, brincar é o que elas fazem de mais sério. (SARMENTO, 2004).

É por isso que guardamos memórias sobre diferentes brinquedos e brincadeiras, sobre as pessoas que compartilhavam essas brincadeiras conosco e sobre os lugares que esse brincar ocupou. Essas memórias, algumas vezes, são materializadas em objetos, fotos, filmagens e outros tesouros que permitem que elas sobrevivam ao presente.

Com base nessas considerações, compartilhamos, a seguir, alguns tesouros do brincar, juntamente com narrativas que contextualizam tais tesouros. Iniciamos com a narrativa de Brigitte:



Bairro Vila Guaira – 1955

DA ESQUERDA PARA A DIREITA AS PESSOAS SÃO: URSELA ARENDT (MINHA TIA), HANS FRIESEN (MEU PAI – *IN MEMORIAN*) E VALENTINA ARENDT (MINHA TIA). OS PAIS DESTAS PESSOAS VIERAM DA ALEMANHA AINDA PEQUENOS EM SITUAÇÃO DE GUERRA. ESTAVAM "BRINCANDO DE VIAJAR", COISA TÍPICA DE IMIGRANTES DA ÉPOCA.

Brigite Friesen – Profissional do CMEI São José Operário – NRE BQ

“Brincar é possibilidade de ser, de expressar-se, de compartilhar, de descobrir, de viajar a outros mundos, de reencantar a vida!” (FRIEDMANN, 2016, p. 20). É também a possibilidade de viajar como os imigrantes alemães, no ano de 1955, como nos mostra a foto, e de descobrir, produzir e compartilhar saberes sobre a vida de pessoas que contribuíram para a constituição da cultura de nossa cidade.

Como já foi dito, no brincar as crianças incorporam experiências do contexto em que estão inseridas, porém reelaboram e interpretam as situações criando outras realidades. Assim, essas crianças, por meio do faz de conta, puderam ser e viver o que queriam, tendo como referência o que conheciam e vivenciavam na sua cultura. Assim, Rosemeri narra:



Bairro Água Verde – 1974

LEMBRAR DA MINHA INFÂNCIA SIGNIFICA MEXER NUMA SÉRIE DE SENTIMENTOS, ALEGRIAS E FELICIDADES. FUI MUITO FELIZ E REALIZADA, BRINQUEI MUITO. LEMBRANÇAS BOAS DA ÉPOCA DE ANDAR DE BICICLETA COM AS MINHAS AMIGAS E VIZINHAS APOSTANDO CORRIDA. QUANTOS PIQUENIQUES DELICIOSOS QUE MAMÃE FAZIA PARA QUE PUDÉSSEMOS COMER E BRINCAR DE MAMÃE E FILHINHA. ADORAVA LAVAR ROUPINHAS NA TINA, ASSIM PODERIA BRINCAR COM ÁGUA E NÃO ESQUECER DO MEU BONECO PREFERIDO QUE TENHO ATÉ HOJE: O PÉPÊ.

Rosemeri Fehlauer Eggers
Profissional do CMEI Guilherme
Canto Darin – NRE PR

A narrativa de Rosemeri nos mostra o quanto lembrar das brincadeiras de sua infância a fizeram rememorar lugares, pessoas e situações. Apostar corrida de bicicleta, fazer piquenique brincando de mamãe e filhinha, brincar com água, quantas lembranças! Quantas emoções!

Mas a relação com o boneco Pépê tem um sentido todo especial para ela. Isso porque para a criança o brinquedo não é apenas um recurso para o brincar, ele carrega consigo imagens, representações e universos imaginários. Nesse sentido, “ele estrutura o conteúdo da brincadeira sem, no entanto, limitar a criança [...]” (BROUGÈRE 2006, p. 83).

Desse modo, o brinquedo para a criança, sendo ele estruturado (como uma bola, um carrinho, um urso de pelúcia ou uma bicicleta), ou não estruturado (como uma caixa de papelão ou um tecido), é carregado de sentidos porque alimenta o imaginário, torna possível o que se deseja, permite viver novas experiências e sensações. Essas considerações serão possíveis reafirmar com a narrativa de Daniela:



Bairro Rebouças – 1978

MINHA INFÂNCIA FOI NO BAIRRO REBOUÇAS,
NA RUA ALMIRANTE GONÇALVES, ONDE RESIDO
ATÉ HOJE. ERA UMA RUA TRANQUILA E CHEIA DE
CRIANÇAS.

BRINQUEI MUITO NA RUA, NÃO HAVIA PERIGO.
MINHAS BRINCADEIRAS FAVORITAS ERAM ANDAR DE
BICICLETA, PULAR CORDA E ELÁSTICO E CASINHA.
TAMBÉM ANDEI NO CARRINHO DE ROLIMÃ DO
MEU IRMÃO E BRINQUEI DE BOLINHA DE GUDE.

FOI UMA INFÂNCIA MUITO FELIZ. A FOTO FOI
TIRADA EM FRENTE À MINHA CASA. EU ADORAVA
ESSE TRICICLO QUE GANHEI DO MEU PRIMO JULIO.

Daniela Cristina Igeski Stencil
Profissional do CMEI Vereadora Nely
Almeida – NRE MZ

Daniela aprendeu a andar de bicicleta, de carrinho de rolimã, pular corda e elástico e jogar bolinha de gude na interação com seus vizinhos e parentes na rua onde morava. Isso nos remete a entender que “a brincadeira, ao contrário do que pode parecer, não é espontânea, ela é sempre referendada pela cultura.” (KLISYS, 2007, p. 28).

Por ser uma ação cultural, o brincar age como uma ferramenta de socialização, pois pode unir crianças de diferentes idades, de acordo com seus interesses e afinidades, nas ruas, nos condomínios, nas praças ou em outros espaços públicos, bem como nas famílias, quando se encontram irmãos, primos ou outros parentes.

É o desejo de brincar com o outro, de fazer coisas com o outro, que leva as crianças a se engajarem nesses grupos. Neles, as crianças estabelecem laços de sociabilidade e constroem sentimentos e atitudes de solidariedade e de amizade. (BORBA, 2006). Assim, ao brincarem juntas, as crianças têm a oportunidade de conviver, dialogar, compartilhar saberes e experiências e produzir significados coletivos sobre o mundo.

Segundo Sarmiento (2004), essas interações possibilitam a apropriação e a produção da cultura pela criança, nas relações que ela estabelece, de modo intrageracional (com as outras crianças) e de modo intergeracional (com os adultos). A narrativa de Clebicieli reafirma essas considerações e nos faz lembrar dos espaços em que brincávamos:



Bairro Fazendinha – 1981

PASSEI MINHA INFÂNCIA EM CURITIBA, NO BAIRRO FAZENDINHA. COM OS MEUS PAIS SEMPRE MUITO PRESENTES NAS MINHAS BRINCADEIRAS, A DIVERSÃO ERA GARANTIDA. TÍNHAMOS UM GRANDE QUINTAL ONDE EU, MEUS IRMÃOS E PRIMOS PODÍAMOS EXPLORAR, BRINCANDO E SOLTANDO A IMAGINAÇÃO. NESSE QUINTAL, HAVIA ALGUMAS PLANTAS E ÁRVORES E DESDE MUITO PEQUENA EU JÁ GOSTAVA DE DESAFIOS, SUBINDO E DESCENDO DE TODOS OS GALHOS QUE PUDESSE. NOS FINAIS DE SEMANA, A DIVERSÃO ERA IR À CASA DE UMA TIA QUE MORAVA NA FAZENDA RIO GRANDE, E LÁ, NAS CAVAS DE AREIA, PODÍAMOS NOS DIVERTIR MUITO, FAZENDO VALER O SENTIDO PLENO DA INFÂNCIA.

Clebicieli Marçal Bonini de Lima
Profissional do CMEI Estrela – NRE PR

Quantos desafios e possibilidades de exploração, imaginação e criação o contato com a natureza pode oportunizar?

Ao brincar de subir em árvores, fazer comidinhas com barro ou areia, brincar com as folhas caídas no chão ou simplesmente correr na grama, as crianças desenvolvem a sensibilidade, a curiosidade e a imaginação, construindo sentidos sobre o mundo natural e social e sobre si mesmas.

As brincadeiras vividas por muitos de nós ao ar livre oportunizaram lembranças que estão guardadas na nossa memória. “Brincades que nos constituem na nossa humanidade, no ser em que cada um de nós se tornou por ter tido a oportunidade de brincar.” (FRIEDMANN, 2016, p. 20). Diante disso, refletimos: temos garantido o direito das crianças viverem isso nas suas infâncias hoje?

Além das brincadeiras ao ar livre, diferentes brinquedos cantados⁸ também estão guardados na nossa memória, como é possível observar na narrativa de Priscila:



Bairro Xaxim – 1983

ESTÁVAMOS BRINCANDO DE RODA-COTIA. SEMPRE NOS REUNÍAMOS NA CASA DE UM FAMILIAR E NESSE DIA ERA NA CASA DA MINHA TIA FATINHA, NO BAIRRO XAXIM. OS PRIMOS SEMPRE UNIDOS GOSTAVAM MUITO DE BRINCAR JUNTOS. NESSA FOTO, ESTÁ EU, MINHA IRMÃ LUSCILA, MINHA PRIMA ALINE E MEU PRIMO VINÍCIUS.

Priscila de Cássia Zeferino Canizella, mãe da criança Maria Eduarda Zeferino Canizella
CMEI Edmundo Lemanski – NRE BQ

8 Os brinquedos cantados são brincadeiras e jogos que envolvem música e movimento e são transmitidos culturalmente de geração a geração. Envolvem cantigas, parlendas, jogos de mãos, brincadeiras de roda, acalantos, etc. Nesses jogos e brincadeiras, a música se constitui o suporte para o brincar, “[...] uma vez que sua estrutura guia a atividade, mesmo que não ofereça a materialidade de um brinquedo.” (SPRÉA, 2010, p. 39).

Roda-cotia, ciranda cirandinha, a canoa virou, atirei o pau no gato... Quem não lembra desses ou de outros brinquedos cantados? Por constituírem o patrimônio lúdico infantil (FRIEDMANN, 1996), eles fizeram e ainda fazem parte da nossa cultura. Apesar de sofrerem contínuas mudanças ao longo do tempo, muitas das suas características permanecem, perpetuando sua tradição.

O ritmo e os gestos dessas brincadeiras e jogos contagiam as crianças pela ação pulsante que desencadeiam, já o movimento em roda as convida para o brincar em grupo. Assim, entendemos que

“seu valor é inestimável e constitui, para cada indivíduo, cada grupo, cada geração, parte fundamental da sua história de vida.” (FRIEDMANN, 1996, p. 43).

Partindo dessas considerações, compreendemos que as memórias individuais são parte da memória social de um grupo. (CORRÊA; SILVA, 2014). Nesse sentido, os tesouros do brincar aqui compartilhados materializam parte da memória brincante curitibana e nos revelam que, independentemente do contexto em que a criança está inserida, ela brinca para se apropriar do mundo, bem como para conhecer a si mesma e o outro.



CENÁRIOS DO BRINCAR

Sinto até hoje o “cheiro” das brincadeiras.

Relato de profissional da RME de Curitiba -
NRE SF

Quando a criança brinca seu corpo desenha uma coreografia autoral e nascem formas que fascinam e inspiram os adultos. Essas formas são marcas da infância que fortalecem o ser, estar e fazer das crianças.

Cada profissional da Educação Infantil ao investigar, compartilhar e refletir sobre o brincar, com base nessas considerações iniciais, tem a intencionalidade de desenvolver um olhar aguçado, atento e sensível para o movimentar das crianças e suas experiências brincantes no espaço educativo.

A discussão sobre o espaço proposta para as instituições educativas de Curitiba não é recente. Os referenciais para estudo e planejamento na educação infantil (CURITIBA, 2013), ao orientarem a organização de espaços externos nas instituições educativas de Curitiba⁹, se apoiaram na ideia de que o espaço educativo possui características de dimensões: física, funcional, temporal e relacional. (FORNEIRO, 1998). Com base nessas orientações, os(as) envolvidos(as) no Projeto **Brinca Curitiba** se indagaram: o que são espaços do brincar nas instituições educativas de Curitiba?

Os espaços do brincar poderiam ser cenários em que a brincadeira acontece. Segundo Artaud (2006), o cenário é um espaço em que a poesia do corpo em movimento se constitui. Essa ideia se aproxima do modo de ser das crianças que criam e recriam experiências brincantes nos espaços e essas se reverberam por meio de suas vozes e expressões infantis.

É com esse olhar poético que nos indagamos: que cenários estão escondidos nas instituições educativas da nossa cidade? E que segredos precisam ser desvelados nos adultos para requintar os cenários brincantes das crianças?

O **Brinca Curitiba**, por meio da ação **Cenários do brincar**, buscou percorrer trilhas que mostrassem a caracterização dos espaços educativos em que a criança se revela como protagonista de um cenário no qual a brincadeira acontece.

Assim, a ação **Cenários do brincar** caracterizou os espaços das instituições educativas de Curitiba, em que o brincar se revela, por meio de dois arranjos:

- **interações nos espaços da instituição;**
- **interações criança/criança - criança/adulto.**

A utilização desses arranjos se apoiou nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que propõe **interações e brincadeira** como eixos norteadores das práticas pedagógicas com as crianças e estabelecem, nos arranjos dos espaços, as condições estruturantes do cotidiano das instituições educativas.

Observou-se, por exemplo, no CMEI Conjunto Cananeia - NRE CIC, que o espaço se constrói com elementos que as crianças têm acesso e na interação entre elas. Com isso, elas se apropriam do espaço e produzem um profícuo diálogo que o torna um cenário para a brincadeira.

9 Referenciais para estudo e planejamento na Educação Infantil - Organização de espaços externos das instituições de Educação Infantil: orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. (CURITIBA, 2013).

Dessa maneira, as **interações nos espaços da instituição** constroem cenários do brincar e revelam como as crianças leem e projetam o mundo adulto. Invenções são feitas pelas crianças a partir do contato com elementos da natureza, nos espaços estruturados pelos adultos, pelas próprias crianças, entre outras possibilidades.

BRINCAR COM OS AMIGOS NO QUINTAL DA
MINHA AVÓ: ENQUANTO BRINCÁVAMOS SENTIA O
CHEIRINHO DE BOLINHO DE CHUVA!
QUE DELÍCIA DE MEMÓRIA AFETIVA!

Graziela Brizola Hartwig
Profissional do CMEI Krasinski – NRE BV

Na incessante busca pelos cenários em que a brincadeira acontece, se faz necessário aguçar os sentidos, como fazem as crianças para se apropriar do mundo.

Assim, cheiros, cores e sabores entram em cena. Será que o brincar tem cheiro, cores e/ou sabores? Que sensações o brincar oportuniza ao corpo? E quais interações ele proporciona com o espaço?

No CEI Letras Douradas – NRE BQ, a professora disponibilizou diferentes materiais, e as crianças brincaram de forma entusiasmada. A simplicidade dos brinquedos, traduzidos em carrinhos e madeiras, deram suporte às descobertas e ao desenvolvimento da capacidade de relacionamento social, bem como às aprendizagens de diferentes habilidades do corpo. Na dedicação a essa brincadeira, observou-se uma finalidade nela mesma,



CMEI Conjunto Cananeia – NRE CIC



CEI Letras Douradas – NRE BQ

em que o brincar foi o grande propulsor da ação e os brinquedos convidaram ao brincar!

Elementos do espaço que mobilizam o brincar podem ser observados também no pátio do CEI Madre Carmela de Jesus – NRE PR. No chão de cimento do pátio, um feixe de luz vindo do sol e ricas ideias das crianças foram um convite para brincar com sombras.

A luz do sol impulsionava a vontade de uma das crianças projetar a partir da sombra a invenção de seres imaginativos. A criança que iniciou tal brincadeira convidou, a partir de sua descoberta, outras crianças que sentiram-se muito à vontade para, por meio de seu corpo, reinventar outras figuras. E assim, a brincadeira vai surgindo, e as crianças juntas foram criando com as suas sombras personagens lúdicos, como, por exemplo, super-heróis. Os animais

também surgiram nesse brincar com o corpo, e apareceram répteis e pássaros. E, num cenário de imaginação, o corpo vai coreografando outras formas autorais, como aviões, foguetes e submarinos.

A brincadeira de projetar sombras aconteceu porque o cenário apresentado pelo espaço educativo da instituição permitiu, e o tempo destinado a esse momento, o qual foi de liberdade, constituiu-se um elemento fundamental para a construção da experiência brincante. Tempo em que o imprevisível pode acontecer. Nem tudo necessita ser demarcado com horários rígidos, pois o tempo para o brincar é um tempo que não se mede com relógios. Assim, o momento após o término do almoço, se constitui para as crianças do CEI Madre Carmela de Jesus – NRE PR uma oportunidade para criar um cenário de brincar.



CEI Madre Carmela de Jesus – NRE PR

BASTAVAM ALGUMAS COISAS, COMO PEDAÇOS DE PANO VELHO, CAIXOTES, TÁBUAS, PEDAÇOS DE PAU, LATAS, VASSOURAS, ABÓBORA MENINA, ESPIGA DE MILHO VERDE, O QUE NÃO FALTAVAM EM NOSSOS QUINTAIS, E UM LUGAR COM SOMBRA, ÀS VEZES, EMBAIXO DOS PÉS DE MANDIOCA OU MAMONAS, PARA CONSTRUIR UMA CASINHA OU UM CASTELO. NO MUNDO DO FAZ DE CONTA PODÍAMOS TUDO.

Laiz Maria Machado Marques
Profissional do CMEI Boa Vista – NRE BV

Ao brincar, pode-se tudo, por isso é uma brincadeira! Pode-se ser quem quiser ser e a imaginação permite alçar altos voos. Dessa forma, elementos, como retalhos, caixas, gravetos e latas, transformam-se e ganham sentido nas mãos das crianças. Ao serem utilizados como brinquedos, ganham significações que dão sentido à experiência como brincante e se transformam em elementos de interação com o espaço. É dessa forma que caixas de papelão se transformam em casas, aeronaves,

esconderijos e tudo o que a imaginação permitir. E, nas **interações nos espaços da instituição**, o imprevisível surge e os cenários do brincar se organizam.

As caixas de papelão oferecidas pelas professoras do CMEI Ângela Dellattre – NRE BV foram organizadas dentro de um planejamento que esperava que o imprevisível da brincadeira pudesse acontecer. Ao planejar, não havia certeza dos caminhos que as caixas podiam oferecer, mas provavelmente já havia de antemão a ideia de que as crianças não se manteriam inertes diante desses elementos do espaço: as caixas.

Assim, as crianças entravam e saíam, arrastavam, erguiam, trocavam de lugar e criavam muitas possibilidades. Quanto mais brincavam com as caixas, mais ampliavam o repertório de brincadeiras, caracterizando assim a cultura das crianças que, de acordo com Sarmiento (2004, p. 3-4), é “a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de acção intencional, que são distintas dos modos adultos de significação e acção.”

CMEI Ângela Dellattre - NRE BV



LEMBRO QUE A NOSSA BRINCADEIRA FAVORITA ERA PULAR ELÁSTICO. LIDÁVAMOS COM O MEDO DE NOSSAS PERNAS FICAREM CHEIAS DE VARIZES, POIS MINHA VÓ NOS PREVENIA: "VOCÊS PULAM TANTO ELÁSTICO QUE QUANDO FICAREM MOCINHAS VÃO FICAR COM A PERNA TODA ROXA E SERÁ DIFÍCIL ARRUMAR MARIDO." MAS BRINCAR ERA TÃO DIVERTIDO QUE ISSO POUCO NOS IMPORTAVA. GRAÇAS A DEUS NÃO ESCUTAMOS MINHA VÓ, PULAMOS MUITO ELÁSTICO!

Relato de profissional da RME de Curitiba –
NRE MZ



E. M. Maringá - NRE PN

Elástico, pega-pega, ciranda-cirandinha, pular corda, entre outras, são jogos e brincadeiras da cultura que marcam e perpassam a vida de diferentes crianças. As muitas gerações são marcadas por brincadeiras que se perpetuam e apresentam características sociais de acordo com o contexto vivido.

As instituições educativas também podem criar cenários que mobilizem as crianças a brincarem com jogos e brincadeiras das culturas da infância. Na Escola Municipal Maringá – NRE PN, a amarelinha foi a escolha da professora para ampliar os saberes das crianças sobre jogos e brincadeiras tradicionais.

Os desenhos riscados no chão, como a amarelinha, caracóis, pistas para carrinhos, entre outras possibilidades,

despertaram a curiosidade das crianças e se caracterizaram como brinquedos de cenários do espaço educativo, que convidaram o brincar com outro. Assim, os espaços das instituições educativas de Curitiba podem ser mobilizadores das interações criança/criança, como também criança/adulto, quando os profissionais oportunizam às crianças conhecerem jogos e brincadeiras de suas infâncias. Em síntese, é possível também ofertar cenários para as crianças brincarem e neles surgir uma cultura de pares¹⁰, a qual se mostra nas interações criança/criança e criança/adulto.

No CMEI Jardim Esmeralda - NRE BQ, a professora propôs um exemplo desse arranjo no cenário da brincadeira: vamos passear de trem?, a qual pode ser caracterizada como um brinquedo cantado:

EU VOU PASSEAR DE TREM,
VOCÊ VAI TAMBÉM
SÓ FALTA COMPRAR A PASSAGEM DO VELHO TREM
PASSAGEM DO VELHO TREM
PAROU!
TODOS: PAROU!
MÃOZINHA PRÁ FRENTE
E TCHU TCHU TCHÁ
E TCHU TCHU TCHÁ
E TCHU TCHU TCHÁ
TCHÁ TCHÁ



CMEI Jardim Esmeralda - NRE BQ

10 Cultura de pares infantis é um "conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais. (CORSARO, 2011, p. 128). Para Corsaro (2011), quando as crianças começam a frequentar espaços fora da família, suas experiências e a produção coletiva proveniente de cultura de pares tornam-se tão importantes como as interações com adultos. Além disso, elementos das culturas de pares afetam as rotinas adulto/criança nos espaços que ocorrem essa interação.

Nessa brincadeira, as perguntas cantadas são lançadas para os brincantes e a interação criança/adulto invade a gestualidade dos participantes numa gostosa brincadeira. É a música, enquanto brinquedo, que transforma os brincantes em protagonistas desse cenário.

No CMEI Jardim Esmeralda – NRE BQ, observou-se também interações das crianças com o cenário de brincar construído pelo adulto. Nele, as crianças sobem e descem dos troncos, criam ritmos e reinventam juntas os percursos que dão sentidos à experiência brincante.

Nesse cenário, as **interações criança/criança e criança/adulto** promovem a ampliação das relações humanas. Contudo, é necessário ter sensibilidade para que

os olhares se tornem cúmplices, pois os brincantes trocam, socializam, cooperam, competem, se emocionam, ganham ou perdem e fazem do cenário um palco que promove a brincadeira.

No CMEI Laura Santos – NRE MZ, essas considerações mostravam-se na parceria da professora com a criança, por meio de uma cumplicidade que só a experiência da brincadeira pode proporcionar.

Mas de que experiência estamos falando?

Para Bondía (2002, p. 20), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” E quando rememoramos nossa infância, por vezes, relembramos olhares, cheiros, arrepios. Lembranças acessadas pelos sentidos que essas experiências nos proporcionaram ao brincar.



CMEI Jardim Esmeralda – NRE BQ



CMEI Laura Santos – NRE MZ

No CMEI Mário Covas – NRE CIC, foi possível visualizar as interações vivenciadas desde os primeiros contatos entre os bebês na experiência do brincar. As relações vivenciadas nas instituições da RME de Curitiba proporcionam diferentes experiências de interação criança/adulto.

No CMEI Porto Belo – NRE CIC, a criança e a professora representaram na brincadeira diferentes papéis sociais. Observou-se que a professora se fez presente de forma espontânea na situação, e a criança percebeu quando o parceiro brincante se entregou à brincadeira para a construção de um cenário em que a lógica do adulto se aproximou da lógica infantil.

No CMEI Estação Barigui – NRE CIC, são as crianças que se aproximam da lógica do adulto, construindo um cenário de brincar com o mundo adulto.

Heloá: Você está com dor de garganta Nathália? Vou te dar um remedinho.

Heloá: Alexia você vai tomar uma injeção. Não vai doer nada, tá!

Vitória: Nathália olha aqui, você está com gripe e tem que tomar remédio. Vamos medir a febre. Vou buscar o termômetro.

Ariadne: Agora eu sou a médica, vou lá no computador marcar a consulta.

Julia: Explica o que você tem Kamilly!

Kamilly: Eu estou com dor no peito.

Julia: Deixa eu ver. Vamos deitar e fazer um exame.



CMEI Mário Covas – NRE CIC



CMEI Porto Belo – NRE CIC

As crianças, ao brincar principalmente de faz de conta, criam enredos e esses podem acontecer em cenários construídos pelas interações nos espaços das instituições e/ou pelas interações criança/criança e criança/adulto.

Assim, ao brincar nos espaços educativos das instituições de Curitiba, as crianças mostram arranjos peculiares de suas infâncias, os quais se tornam cenários por elas construídos e/ou vivenciados nos espaços estruturados. Cenários onde a brincadeira acontece. Cenários que dão sentidos aos espaços das instituições como espaços que valorizam o brincar na educação da criança.




CMEI Estação Barigui - NRE CIC



CMEI Ioko Margareth Hara - NRE CJ

SENTIDOS DO BRINCAR



Chegava da escola com vontade imensa de passar o tempo com os amigos e assim o fazia. Ia para a rua, chamava os vizinhos, arrumava uma brincadeira e lá ficávamos, muitas vezes até o anoitecer. Inventávamos brincadeiras com quase tudo, era com bola, bonecas, pedaços de madeira, meias, sacolas, tudo se tornava brinquedo e aqueles que distraem por horas e horas. Não precisávamos necessariamente de um objeto, podíamos brincar com nós mesmos, corríamos e nos escondíamos uns dos outros.

Fabiana Fabricia Vidal de
Andrade, mãe da criança Isabela
Andrade Nogueira
CMEI Moradias Olinda - NRE BN

As trajetórias percorridas, por meio das ações do **Brinca Curitiba**, oportunizaram experiências brincantes às crianças de instituições educativas de Curitiba, rememoraram lembranças de diferentes infâncias da cidade, permitiram a construção de significados para o brincar de profissionais envolvidos(as) com a educação das crianças curitibanas, como também mobilizaram um pensar sobre que sentido atribui-se ao brincar.

Os significados construídos socialmente pelos participantes do **Brinca Curitiba** revelaram o entendimento de que o brincar é a principal forma com que a criança constrói seu conhecimento de mundo e produz cultura. Uma cultura carregada de sentidos próprios do ser criança que configura as infâncias. Nos dias de hoje, muitas dessas configurações se fazem nas experiências do brincar que os espaços das instituições educativas oferecem. Cabe ressaltar que a experiência é “fruto de uma elaboração, portanto, mobiliza o sujeito, deixa marcas, produz sentidos que podem ser recuperados na vivência de outras situações semelhantes.” (AUGUSTO, 2013, p. 20-21).

Assim, por meio das ações do **Brinca Curitiba**, profissionais da RME de Curitiba, familiares e crianças, como também os(as) envolvidos(as) do Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, construíram sentidos do brincar em nossa cidade. Em síntese, o **Brinca Curitiba** foi um conjunto de ações que mobilizaram sentidos sobre o brincar na educação das crianças de Curitiba, que se revelaram em interpretações sobre brinquedos e/ou brincadeiras, cenários e lembranças de experiências brincantes. Para sua continuidade, fazem-se necessárias

reflexões sobre cada ação que o configurou como um projeto e, conseqüentemente, o planejamento de novas ações.

A ação **Crianças e adultos brincantes – construção de brinquedos** revelou elementos da cultura a partir do brincar e dos brinquedos que crianças, profissionais e famílias construíram para presentear a cidade. Para isso, foi necessário trazer as lembranças das vivências e experiências pessoais para a materialização de um brinquedo. Carrinho de rolimã, super-heróis e um táxi brincante foram alguns dos brinquedos construídos e revelaram elementos presentes na cultura da nossa cidade. Olhar e refletir sobre os significados que esses brinquedos carregam mobilizou a construção de sentidos para as experiências brincantes que estão presentes em Curitiba e revelam elementos para projetos futuros que contemplem novas ideias e formações que envolvam brinquedos nas instituições.

Muitos sujeitos e suas brincadeiras, lugares e histórias sobre diferentes infâncias de Curitiba foram contadas na ação **Lembranças brincantes**, revelando brincadeiras e jogos favoritos, como betes, amarelinha e esconde-esconde. Ao rememorarem suas lembranças, profissionais e familiares, estabeleceram relações entre o passado e o presente, construindo, assim, sentidos para suas experiências brincantes e, também, provocando o olhar para as experiências brincantes das crianças.

Os sentidos dados a essas lembranças as tornaram tesouros, os quais guardam tradições e revelam histórias. Narrativas carregadas de sentimentos compuseram os **Tesouros do brincar**, ação que materializou

parte da memória brincante curitibana e reafirmou: as brincadeiras e jogos infantis são parte do patrimônio cultural da nossa cidade. As lembranças brincantes e os tesouros revelados pelo **Brinca Curitiba** trouxeram elementos para pensar políticas públicas e educacionais para fomentar ações de formação que busquem conhecer e valorizar as experiências brincantes dos(as) profissionais.

Narrativas imprevisíveis, lugares inusitados... quais os **Cenários do brincar** que as instituições da RME de Curitiba nos reservam? Ao revisitar as imagens que compõem esse material, observou--se que as crianças possuem modos próprios para brincar e esses modos revelam saberes arranjados em cenários em que a brincadeira acontece.

As trilhas, as sombras, as comidinhas são exemplos de que o quintal do brincar é vivo nas instituições educativas de Curitiba. É tão vivo que permite às crianças experimentarem suas imaginações. Como exemplo, Ernesto (na imagem do CMEI Tia Eva – NRE CIC) nos mostra: “é muito divertido, parece que estou voando!”

O **Brinca Curitiba** possibilitou que fossem desfeitas premissas de que as crianças das instituições educativas de Curitiba, nos dias atuais, não brincam. Brincam sim! E seus jeitos e trejeitos revelam formas diferentes de brincar das novas gerações... Os adultos, tanto os familiares das crianças quanto os profissionais da educação, rememoraram a criança brincante e a infância ora vivida. Muitas vezes, mesmo sem acesso a brinquedos industrializados, as crianças de outros tempos achavam formas de brincar e se divertiam, criavam brinquedos com os

elementos da natureza, brincavam muito nos quintais ou mesmo nas ruas e com uma grande quantidade de outras crianças, sejam irmãos, primos ou amigos da rua. Tais memórias sensibilizaram para que os adultos olhassem para a brincadeira como ela se apresenta nos dias de hoje e a valorizassem na educação das crianças.

AH TEMPO BOM QUE NÃO VOLTA MAIS... QUE NÃO VOLTA MAIS QUE NADA! É IMPORTANTE NUNCA DEIXARMOS A CRIANÇA QUE ESTÁ DENTRO DE NÓS ENVELHECER... VAMOS CULTIVAR A ALEGRIA E O PRAZER DA BRINCADEIRA DENTRO DE NÓS, PROFESSORES! CONTINUEMOS A BRINCAR COM NOSSAS CRIANÇAS, COM NOSSOS FILHOS E PORQUE NÃO COM NOSSOS COLEGAS DE TRABALHO TAMBÉM! VIVA AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS E DOS ADULTOS CURITIBANOS!

Profissional da RME de Curitiba – NRE MZ

Assim, é importante valorizar projetos educacionais que incentivem a participação das crianças na construção de cenários do brincar nas instituições educativas, como, também, momentos e/ou espaços de trocas entre os(as) profissionais sobre a estruturação de espaços educativos para o brincar.

Por fim, a ação **Sentidos do brincar** possibilitou a reflexão das ações do **Brinca Curitiba** e a construção deste documento, que publica o caminhar de um projeto que oportunizou a interação entre gerações por meio da construção de brinquedos, o revisitar memórias e tesouros guardados para o conhecimento de nossas infâncias, a descoberta de diferentes possibilidades de brincar nas instituições da RME de Curitiba e a significação dos sentidos de brincar para as crianças e os envolvidos na sua educação.

E, para finalizar, se faz novamente um convite...

BRINCA CURITIBA!!!

Viva a experiência de se sentir e ser brincante... para manter viva a criança que existe em cada um de nós!



REFERÊNCIAS

- ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- AUGUSTO, S. O. A experiência de aprender na educação infantil. In: **Novas diretrizes para a educação infantil**. Salto para o Futuro, ano XXIII, boletim 9, jun., 2013.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002, p. 20-28.
- BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Secretaria da Educação Básica. Brasília: FNDE – Estação Gráfica, 2006, p. 33-45.
- BRASIL, **Parecer n. CNE/CEB 20/2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF. Conselho Nacional de Educação; Câmara da Educação Básica, 2009.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CORRÊA, C. M.; SILVA, U. G. da. **Brincadeiras de muitos tempos e lugares: em busca das memórias dos profissionais da educação da creche central e da escola de aplicação da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Editora do Autor, 2014.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. Departamento de Educação Infantil. **Caderno Pedagógico Arte: Área de Formação Humana – Linguagem Visual e Teatral**. Curitiba, 2011.
- _____. _____. **Referenciais para estudo e planejamento na educação infantil**. Organizações dos espaços externos das instituições de educação infantil: orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2013.
- FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 229-282.
- FRIEDMANN, A. Brincar e reencantar a infância. In: SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR GUIA 2016. **Inspirações para experiências felizes**. Aliança pela Infância, 2016, p. 20-21.
- FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.
- JAPIASSU, R. **A linguagem teatral na escola: pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas: Papirus, 2007.

JUNQUEIRA, G. J. **Gabriel Junqueira Filho fala sobre o protagonismo compartilhado na educação**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=45fug0nE7j0>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

KLISYS, A. Faz de conta: invenção do possível. **Revista Criança**, n. 43, ago./2007, p. 27-29.

LEITE, E. C. de P. **Professor em ação dramática na educação infantil**: uma estratégia de comunicação entre professores e crianças pequenas. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SARMENTO, M. J. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Editora ASA, 2004, p. 9-34.

SARMENTO, M. J. A reinvenção do ofício de criança e aluno. **Atos de pesquisa em educação**. FRUB, Blumenau, v. 6, p. 581-602, set./dez. 2011.

SPRÉA, N. E. **A invenção das brincadeiras**: um estudo sobre a produção das culturas infantis nos recreios de escolas em Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. 2010.

SPRÉA, N. E.; GARANHANI, M. C. A criança, as culturas infantis e o amplo sentido do termo brincadeira. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 717-735, set./dez. 2014.

FICHA TÉCNICA

Departamento de Educação Infantil

Maria da Glória Galeb

Gerência de Currículo
Claudete Pereira de Assunção

Gerência de CEIs Contratados
Danielle Bonamin Flores

Gerência de CMEIs
Vera Lúcia Grande Dal Molin

Gerência de Escolas
Giselle Viviane Barcik

Elaboração:

Claudete Pereira de Assunção
Elisangela Christiane de Pinheiro Leite
Lorena de Fatima Nadolny
Maria da Glória Galeb
Olívia Milléo
Silmara Cruzeta

Colaboração:

Caroline Francye Rosa de Freitas Dvoiaski
Eva Bernadete Budniak Tozato
Leandro Antonio Jiomeke

Consultoria:

Marynelma Camargo Garanhani

Departamento de Tecnologia e Difusão Educacional

Marlon Misael Terres

Gerência de Apoio Gráfico

Lilian Fernanda de Christo

Projeto gráfico, capa e diagramação

Heloá Michelin

Revisão

Rosângela Carla Pavão Pereira



PREFEITURA DE
CURITIBA



EDUCAÇÃO

